

## Discurso materno e imagem do corpo mas intervenções estéticas e cirurgias plásticas\*

Karina Vera  
Zeferino Rocha

*O propósito do presente artigo é pôr em destaque algumas questões psíquicas que envolvem a relação mãe-filha e o modo como elas se revelam nas motivações inconscientes das mulheres que se submetem às intervenções estéticas e cirurgias plásticas. A menina, ao tornar-se mulher, transpõe para a cena social tudo o que edipicamente a constituiu, e marcou simbolicamente o seu corpo; vale dizer, as principais questões vividas entre ela e a figura materna, a configuração psíquica de sua feminilidade e a sua imagem do corpo. Hoje em dia, uma significativa via para querer reformular a configuração psíquica da feminilidade tem sido procurar as intervenções estéticas e cirurgias plásticas, em função das infinitas ofertas de novas estruturas da feminilidade que elas oferecem e prometem. Reformulações essas, no entanto, sempre enigmáticas.*

**Palavras-chave:** Relação mãe-filha, imagem e estética do corpo, feminilidade, cirurgia plástica

\* O presente trabalho retoma alguns aspectos da análise dos discursos das entrevistadas por Karina Carvalho Veras de Souza na sua dissertação intitulada: O feminino na estética do corpo: uma leitura psicanalítica, orientada pelo Prof. Dr. Zeferino Rocha e defendida, em abril de 2007, no Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

## Introdução

*Meu nariz! Meu irmão brincava lá em casa que era a maldição do Faraó. Tinha vindo da minha avó, da minha mãe. Aí tínhamos nascido eu e um irmão, nós dois, era o nariz de mamãe. Era a maldição do Faraó. (...) e eu realmente me sentia mal... Com o meu nariz. Se eu melhorasse desse nariz, eu acho que eu, pronto, ia resolver todos os problemas da minha vida, que eu ia me sentir bem, toda vez...*

O que essas palavras pronunciadas por uma filha põem em questão sobre sua mãe? O que, sem perceber, querem assinalar sobre tão complexa relação? O que isso (re) vela? Começamos, então, o presente artigo mostrando de que modo essas palavras, proferidas numa entrevista, a partir da livre associação, nos marcaram quando investigávamos a questão do feminino na estética do corpo.

De fato, já sabemos quão estruturante é a relação mãe-bebê para a constituição psíquica do sujeito, por seus infinitos desdobramentos subjetivos implicados nas definições (ou indefinições) da sua futura identificação sexual. Sendo assim, torna-se compreensível que elementos inconscientes, oriundos dessa relação primordial e estruturante, possam, posteriormente, ter significativas implicações psíquicas nas decisões que tomam algumas mulheres, em nome do ideal estético, ao se submeterem às cirurgias plásticas.

Não se trata de querer encontrar uma dependência linear ou direta, como a de causa e efeito, entre a relação mãe-bebê e as

motivações que levam essas mulheres a fazerem uma cirurgia estética. Mas, de outro lado, não se deve deixar de reconhecer a estreita relação entre esses dois acontecimentos na vida psíquica das mulheres que se submetem à experiência das cirurgias plásticas. Em outras palavras: pensamos que pode existir uma relação expressiva entre as marcas inconscientes inscritas no psiquismo da criança, quando da relação essencial com a figura materna, e a posterior demanda das intervenções estéticas no seu corpo, que se farão quando essas meninas tiverem se tornado mulheres.

Interrogamos então: que traços da figura materna são revelados pelo discurso das mulheres, por nós entrevistadas, quando falam das cirurgias plásticas a que se submeteram? O que seus discursos revelam sobre o triângulo: relação mãe-filha, feminilidade e corpo? E ainda: como se faz a travessia desse enigmático percurso? O que, da mãe, a menina leva consigo para fazer a travessia do tornar-se mulher e que lhe permitirá dizer (ou não) algo sobre si mesma. O que permanece, oriundos da figura materna, como traços psíquicos inscritos no corpo da filha? O que faz a filha com os imperativos ditados pela mãe e, inconscientemente, aceitos por ela? Seria possível supor uma espécie de lei materna a que estariam submetidas as filhas?

A simples formulação dessas questões já mostra o quanto são enigmáticas, ainda que não menos norteadoras, porquanto são guias nos misteriosos caminhos da relação existente entre a figura materna, a assunção da feminilidade e o lugar do corpo feminino. Vejamos quais os referenciais teóricos que podem nos ajudar na compreensão desta problemática.

### **O Édipo e o corpo feminino**

Começemos lembrando o que Freud ensina, em 1931, sobre a fase pré-edípica, na qual a criança estabelece, com a mãe, uma ligação de caráter exclusivo, e como tal fase “tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens” (Freud, 1931, p. 238). A menina – diferentemente do menino – redireciona, na fase genital, o seu investimento libidinal, antes dirigido exclusivamente à mãe, para a figura paterna. A condição para isso é a descoberta da castração. Por essa razão, a apreensão de sua configuração anatômica, diferente da do menino, é claro, e a conseqüente implicação psíquica que surge dessa diferença, tornam-se um precioso significante, com o qual ela irá partir em busca de quem possa reparar os infortúnios de sua descoberta. E esse não pode ser outro senão o pai. Ela inaugura, assim, seu processo edípico. Vai delineando-se, então, o difícil e “árduo” caminho do ser mulher para a menina.

A esse respeito, Serge André (1998) observa:

É preciso, com efeito, explicar como e por que, sendo a mãe também aqui o primeiro objeto, a menina é levada a renunciar a ele para substituí-lo pelo pai. Resulta disso que o complexo de Édipo, primário no menino, é secundário na menina. O complexo de castração desempenha, assim, um papel dissimétrico num e noutro sexo: ele tende a fazer desaparecer o Édipo do menino e, pelo contrário, é a origem do Édipo da menina, ou seja, a origem da renúncia à mãe e da eleição do pai. (p. 175)

Podemos dizer que a grande significação psíquica envolvida nesse acontecimento é que, apesar do redirecionamento libidinal, a menina constantemente retornará à figura materna, da qual herdou inúmeros traços psíquicos para a construção de sua feminilidade. A essa figura materna, ela continuará lançando seus questionamentos sobre o seu próprio ser mulher. O que se revelará na vivência de seu Édipo. É fundamental acrescentar a essa questão o fato de que o pai representa um terceiro elemento que se interpõe entre a mãe e seu filho – mesmo que ainda não tenha entrado de fato nessa relação, estando aí apenas imaginariamente – de modo que, gradativamente e na forma de uma função simbólica, ele vai ocupando lugares psíquicos cada vez mais diferenciados para a criança (dos dois sexos), ao longo do desenrolar psíquico de sua constituição, e, para a mãe, em sua função materna.

Nas palavras de Lacan (1957-1958): “(...) o complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo (...)” (p. 171). Assim, os caminhos trilhados na situação edipiana demarcam os lugares psíquicos, em relação à posição masculina ou feminina do sujeito, em conformidade com a significação paterna e a conseqüente circulação do objeto fálico no triângulo filho-pai-mãe.

Nas considerações teóricas de Lacan (ibid.), o complexo de Édipo acontece em três tempos: em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada. Assim, o pai pode existir na realidade mundana, mas reina na lei do símbolo; aí, a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la. Em segundo lugar, o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei. Fato mediado pela mãe que é quem o instaura como aquele que lhe faz (ou não) a lei. Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo, que é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita no terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo.

Cabe interrogar, então, como o corpo é marcado nessa trajetória psíquica da mulher rumo à feminilidade, desenhada pelo jogo das identificações próprias da vivência edipiana e possíveis destinações do falo?

## Destinação inconsciente dos discursos maternos

A ênfase com que a relação mãe-filha veio à tona nos discursos das mulheres entrevistadas, quando falavam de seus universos femininos e da maneira como percebiam seus corpos, revela-nos a importância do questionamento acima. Isso porque a presença inconsciente das palavras maternas que marcaram o corpo da filha, como também as implicações psíquicas da herança dos traços físicos da mãe, deixam entrever um retorno à figura da mãe, traduzido no modo como se conduzem, hoje, no tocante a suas feminilidades. A esse respeito são sugestivas as palavras de Zalcberg (2003):

A menina se vira, como toda criança, para a mãe, em cujos braços ela se aninha. Primeiro, ela pede à mãe que lhe dê uma imagem antecipada de seu corpo e a confirmação subsequente de que aquele corpo é dela mesma; confirmação com a qual cria uma matriz de seu eu. Depois, a menina, diferentemente do menino tornará a se voltar para a mãe para certificar-se de que a mãe reconhece a especificidade de seu corpo feminino; este, marcado de falta de uma definição clara. (p. 180)

Sublinhemos, então, a importância dessas insígnias maternas que algumas filhas ostentam simbolicamente em seus corpos. Mas antes deixemos claro a que imagem do corpo nos referimos.

105

### Imagem do corpo

Dolto (1984) ensina que a imagem do corpo é a herdeira de uma história pessoal. Tratando-se, assim, de certa composição de situações vividas inconscientemente na relação estabelecida entre a mãe e seu bebê. É como se fosse uma sinopse de um intenso e dinâmico jogo entre as vivências corporais mais primitivas do bebê, num tempo em que o desejo materno impera. Para dizê-lo com as suas próprias palavras:

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. (...) A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora (...) (p. 14)

Essa concepção resume e demonstra, ao mesmo tempo, em primeiro lugar, que considerar o estatuto inconsciente da imagem do corpo permite situá-la não em um tempo cronológico em si, mas em um tempo relacional, um tempo vivido, embora arcaico, que, de forma consciente, torna-se, para sempre, um tempo inapreensível. Isso nos faz pensar que certo desconhecimento dessa imagem acompanhará o sujeito por toda a história de sua vida pessoal; acarretando importantes desdobramentos inconscientes, principalmente no que diz respeito à posição subjetiva do sujeito em relação às questões corporais, sejam elas orgânicas, físicas ou somáticas.<sup>1</sup>

Assim, em momentos psíquicos estruturantes, são agregados sentidos subjetivos à dimensão biológica do corpo, o qual, gradativamente, vai sendo nomeado pelo sujeito de meu corpo. Desse modo, a imagem corporal estaria sendo traçada; uma imagem própria, uma ideia de corpo, distinta do corpo materno, em relação a algo que antes o bebê não imaginava duplicado; mas, ao contrário, como fazendo parte de uma continuidade.

Portanto, para além da ideia de uma simples representação do corpo, a imagem corporal é fundada e estruturada, sobretudo, por essas marcas psíquicas inconscientes. Originadas no manejo materno das primeiras necessidades corporais do bebê e, posteriormente, constituindo uma imagem de corpo singular, uma antecipação da ideia de um corpo unificado, pela qual o sujeito, ainda anatomicamente imaturo para tal, se identifica com a imagem do outro, ao tempo em que se dá conta da sua própria imagem.

Deste modo, quando analisamos o discurso das participantes de nossa pesquisa, não foi difícil supor que tanto a herança, representada pela transmissão genética de algumas características físicas do corpo materno, quanto alguns padrões estéticos, impostos por suas mães, parecem ter constituído as motivações inconscientes pelas quais elas se submeteram às cirurgias plásticas na fase adulta.

Para duas das entrevistadas, por exemplo, a herança genética, formada por traços corporais peculiares, como a forma do nariz ou dos braços, parece ter despertado o desejo inconsciente de querer apagar, pela intervenção cirúrgica e

1. Segundo Assoun (1998), a corporeidade do sujeito pode ser entendida sob os registros somático, orgânico e físico. Aquilo que está sob a inscrição somática faz referência ao corpo em oposição à alma; o que pode ser tangível; o corpo sólido, vivo, lugar de captura da alma. Já o que permanece sob o registro do físico diz respeito à natureza do corpo, à fisionomia, às formas; sendo o lugar onde a matéria se encontra com o ato de geração. E por fim, o que denomina de orgânico está no registro do instrumental do corpo, ou seja, o corpo como máquina e dispositivo instrumentado. Este autor chama a atenção para a diferença entre somático e orgânico.

estética, essas marcas corporais recebidas geneticamente, como já dissemos, de suas mães. Dir-se-ia que, movidas por um desejo inconsciente, elas procuravam evitar que algum traço materno se manifestasse no real dos seus corpos. Nessa direção, Mieli (2002) comenta que:

(...) A intervenção voluntária sobre o real do corpo se impõe com frequência, como uma “necessidade”; trata-se, então, de interrogar as razões estruturais do que, no nível subjetivo, apresenta-se como “necessário”. Em geral, diria que a manipulação irreversível é uma tentativa de dar estabilidade a uma forma que oscila; ela intervém, por exemplo, na cirurgia plástica, para integrar ou excluir um traço físico particular, vivido sob o signo do “em excesso” ou do “excessivamente pouco”. (p. 15)

Desse modo, a autora afirma que a intervenção irreversível, feita por meio de cortes, incisões e outras manipulações do corpo, levaria à invocação de um traço no real, que inscreveria um corte simbólico, definido por uma função de borda, um contorno, antes supostamente flutuante. E isso pode ser feito tanto na forma de um marco, ocorrido na vida do sujeito, como na forma de um apagamento. Neste caso, tratar-se-ia de uma tentativa inconsciente de apagar irreversivelmente algum traço materno.

Sobre esse apagamento, diz, ainda, Mieli:

Trata-se de uma inscrição visível, no sentido de que ela altera um traço do corpo, mas quer passar despercebida. O apagamento em questão é relativo a um traço que muitas vezes é sentido e descrito como parental e familiar, e, em certos casos, definido como “traço étnico”. (p. 17)

Assim, uma das entrevistadas se referia ao fato de ter coisas da mãe, como, por exemplo, o formato do nariz, e que esse era o ponto do qual se sentia observada e incomodada. A decisão de submeter-se a duas cirurgias plásticas, que ela tomou movida pela vontade de apagar esse traço materno, remetia a um desejo inconsciente que, de uma forma ou de outra, permanecia abrindo incessantemente uma questão para a qual a entrevistada não tinha ainda encontrado uma resposta.

Essa mesma entrevistada considerava e via seu corpo, conforme ela mesma denominava, como um tabu, pois, como sua mãe costumava dizer, ele se referia significativamente a algo sagrado, que não podia ser tocado. Somente muito depois, ela tomou a decisão de se submeter às cirurgias plásticas, afirmando que, daí por diante, *iria cuidar de si*. Antes, e durante muito tempo, pensou que as palavras da mãe tinham uma importante significação e uma força especial no que tangia à maneira segundo a qual ela devia considerar seu corpo, vale dizer, desconsiderar a tentação das vaidades femininas e exaltar as atribuições de sua vida profissional.

Uma outra entrevistada dizia, por sua vez, que a “herança materna” muito a incomodava por causa do desenho anatômico de seus braços. A cirurgia plástica, investida para apagar essa característica física da mãe, foi considerada satisfatória, mas ela ainda se sentia compelida a rever as marcas desse *apagamento*. Por isso, submeteu-se a novas cirurgias para refazer, por outras duas vezes, as cicatrizes que as primeiras intervenções deixaram em seus braços.

Além disso, ela também se referiu, em sua entrevista, ao modo como sua mãe a obrigava a usar sapatos de tamanho menor do que seus pés. Esta imposição era justificada porque, segundo o modo de ver da mãe, um pé pequeno era “marca de feminilidade”. A mulher, então, não deveria ter pés grandes, como era o caso de sua filha. Para dizê-lo com as palavras da entrevistada:

*A minha mãe (...) comprava sapato com um número a menos do que eu calçava. (...) Passei minha vida todinha usando um sapato menor do que meu pé, porque minha mãe dizia que a mulher não podia ter um pé grande daquele jeito como o meu (...). Hoje eu compro um número a mais que meu pé. Eu quero que fique sobrando aqui ó!*

Seria interessante questionar então: o que sobrou dessa relação mãe-filha? O que “a mais” teríamos que levar em consideração a partir desse discurso da filha, se quisermos pensar nos desdobramentos inconscientes dessa questão?

Para uma outra entrevistada, a “herança materna” realizou-se na imposição que a mãe fazia para que a filha, desde a infância, cortasse seus cabelos segundo o modelo do corte masculino. Com semelhante corte de cabelo, ela costumava ocupar a posição de menino nas danças folclóricas da escola. Atualmente, a entrevistada considera-se uma mulher extremamente vaidosa e faz questão de alongar artificialmente os cabelos, bem como os de suas filhas que, para sua indisfarçável satisfação, crescem até a cintura. Diz ela:

*Mas eu pequenininha (...), eu era bochechuda, gorda, cabelo curto, tanto é que hoje eu tenho cabelo longo, minhas filhas têm cabelo longo, porque minha mãe tosava meu cabelo, (...) na época do colégio, eu tinha que ser sempre o homem da quadrilha, porque na época eu estudava no A. (...) só tinha mulher, entendeu? Tanto é que, quando eu cresci, um pouquinho assim, que eu pude ter cabelo, eu sempre tive cabelo grande, acho que é trauma e as minhas duas filhas hoje têm cabelo na cintura. Eu acho lindo cabelo grande.*

A entrevistada inconscientemente retoma, aí, essas questões, como uma forma de compensação. E deixando de lado os motivos inconscientes que provocaram a atitude da mãe, chama-nos a atenção a maneira como esta recusava as características femininas de sua filha, como o cabelo longo, por exemplo. Atualmente, esta entrevistada segue desenhando e redesenhando, por meio de implantes, lipoaspirações e ginásticas, seus atributos visivelmente femininos.

Por meio desses breves fragmentos queremos chamar a atenção para a produção de significantes que parecem surgir das mensagens sobre a feminilidade que a mãe, inconscientemente, transmite à filha. Principalmente, pelo fato de que essas mensagens são, em sua transmissão, comparadas, em cada entrevista, com certas características de masculinidade. E é justamente o atravessamento dessa feminilidade, com suas vicissitudes, que parece ter constituído uma imagem inconsciente de corpo feminino, para cada uma das mulheres entrevistadas.

Nesse contexto, Zalcberg (2003) comenta:

Uma mãe pode inconscientemente sentir-se inadequada por causa da impossibilidade de fornecer um traço identificável do sexo feminino, acreditando e fazendo a filha crer que isso seria viável. Para evitar essa questão que a existência de uma filha acentua, uma mãe pode tender a abraçar uma solução predominantemente fálica para sua filha, como adotou para si mesma, e não abrir espaço para uma identificação no campo do mais-além do falo, no qual reside tudo o que é específico do feminino. (p. 181)

De fato, podemos observar e supor, nas histórias de nossas entrevistadas, uma forma inconsciente de procurar, nas cirurgias plásticas e intervenções estéticas, uma espécie de reparação, no sentido de reaver uma vaidade feminina que suas mães não puderam transmitir-lhes.

Partindo desses dados, perguntamos, levando em consideração a posição da filha, de que modo é feito o reconhecimento materno sobre o corpo de sua filha? A que destinações inconscientes a menina remete a compreensão de seu próprio corpo? Como, desse modo, se engendra a feminilidade? São questões extremamente importantes e que certamente devem nos ajudar a pensar sobre as manifestações da feminilidade. Essas questões são bem resumidas com as palavras de Zalcberg (2003):

Só a menina precisa voltar-se para a mãe para encontrar um sentido no seu ser mulher a partir do seu corpo, já que o menino, à saída do Édipo, recebe do pai, pela identificação fálica, um reassuramento do seu corpo masculino. Como a mãe não pode oferecer à sua filha um significante de identidade especificamente feminino, como o pai dá ao filho, cabe-lhe tomar outras vias para assegurá-la de uma identidade feminina. Como acolherá o corpo da menina, corpo marcado de indefinição no campo do significante? (p. 180)

Propondo que existe uma articulação inconsciente entre as vicissitudes da relação mãe-filha e as procuras que posteriormente muitas mulheres farão de cirurgias estéticas para seus corpos, estamos apenas falando de uma, dentre muitas, das prováveis motivações inconscientes, mediante as quais a feminilidade pode apresentar suas manifestações de sentido. Na verdade, os mais frequentes acontecimentos psíquicos, oriundos da relação mãe-filha, residem mesmo na

função que essa relação exerce sobre a constituição do corpo e da feminilidade, e, fundamentalmente, de seu entrelaçamento significante.

### Reflexões finais

É a partir do que foi possível tecer nesses laços psíquicos, que a menina torna-se mulher e precisa prosseguir para a cena social propriamente dita, com tudo o que a problemática edípiana constituiu e, simbolicamente, marcou seu corpo. E, de modo mais acentuado, as tramas dos significantes dos afetos maternos, vivenciados na relação mãe-filha. Para finalizar, é preciso dizer que nem de longe esgotamos a complexa rede de significações, tecida em torno desse fenômeno contemporâneo tão avassalador, qual seja, a demanda das cirurgias plásticas estéticas. Nosso propósito, no entanto, foi apenas colocar-nos diante da função e da figura materna para, em suas eternas *incompreensões*, interrogar o campo de seus significantes. E, nesse sentido, continuar a caminhar na estrada dos não-saberes para repetir mais uma vez a velha e célebre questão: *o que quer uma mulher?*

### Referências

- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Tradução por Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ASSOUN, P.-L. *Cuerpo y síntoma*. Tradução por Horacio Pons. Buenos Aires: Nueva Visión, 1998.
- DOLTO, F. *Imagem inconsciente do corpo*. Tradução por Noemi Moritz Kon e Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FREUD, S. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.
- LACAN, J. (1957-1958). *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MIELI, P. *Sobre as manifestações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Tradução por Vera Avellar Ribeiro e Ana Vincentini de Azevedo. Rio de Janeiro: Contra Capa/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.
- ZALCBERG, M. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

## Resumos

*The intent of the present article is to discuss several questions in the field of the psychic relationships between mother and daughter and how these relationships are revealed in the unconscious motivations of women who undergo esthetic interventions, including plastic surgery. As girls become women, they bring onto the social scene everything that has Edipically constituted them and that has symbolically marked their bodies. It might be said that these are the main questions that come up between a girl and her mother figure, and they include the psychic configuration of the girl's femininity and body image. One important means used today to reformulate the psychic configuration of femininity is to seek esthetic interventions, including plastic surgery, and this trend is urged on by the virtually infinite supply of new ways of structuring femininity that they promise. But such reformulations are always enigmatic.*

**Key words:** Mother-daughter relationship, image and esthetics of the body, femininity, plastic surgery

*Le but de cet article est de mettre en évidence quelques questions d'ordre psychique liées à la relation mère-fille et la façon comme elles se révèlent dans les motivations inconscientes des femmes qui se soumettent à des interventions esthétiques et des chirurgies plastiques. La jeune fille qui devient femme transpose sur la scène sociale tout ce qui l'a constituée de façon œdipienne et ce qui a marqué son corps de façon symbolique, soit les questions les plus importantes par rapport à la figure maternelle, la configuration psychique de sa féminité et l'image qu'elle a de son corps. Actuellement, les interventions esthétiques et les chirurgies plastiques sont un moyen important de reformulation de la configuration psychique de la féminité, étant donné le grand nombre de nouvelles structurations de la féminité qu'elles offrent et promettent. Cependant, ces reformulations restent toujours énigmatiques.*

**Mots clés:** Relation mère-fille, image et esthétique du corps, féminité, chirurgie plastique

*El presente artículo tiene como objetivo destacar algunas cuestiones psíquicas que envuelven la relación madre-hija y el modo como ellas se revelan en las motivaciones inconscientes de las mujeres que se someten a intervenciones estéticas o cirugías plásticas. Cuando la niña se hace mujer, transpone para el escenario social todo lo que edípicamente la constituyó y marcó simbólicamente su cuerpo, vale decir, las principales cuestiones vividas entre ella y su figura materna, la configuración psíquica de su feminidad y la imagen de su cuerpo. Hoy en día, una significativa vía para querer reformular la configuración de la feminidad ha sido la búsqueda de intervenciones estéticas y cirugías plásticas, en función de las infinitas ofertas de nuevas*

*estructuraciones de la feminidad que ellas ofrecen y prometen, reformulaciones entretanto, siempre enigmáticas.*

**Palabras clave:** Relación madre-hija, imagen y estética del cuerpo, feminidad, cirugia plástica

**Citação/Citation:** VERAS, K.; ROCHA, Z. Discurso materno e imagem do corpo nas intervenções estéticas e cirurgias plásticas. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 101-112, p. , maio de 2010.

**Editores do artigo/Editors:** Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, Profa. Dra. Junia de Vilhena e Profa. Dra. Ana Cecília Magtaz.

**Recebido/Received:** 21.03.2010/03.21.2010 **Aceito/Accepted:** 19.04.2010/04.19.2010

**Copyright:** © 2010 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados/The authors have no support of funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** Os autores declaram que não há conflito de interesse/The authors declare that they have no conflict of interest.

#### **KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA**

Psicóloga; especialista em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (Natal, RN, Brasil); mestre em Psicologia Clínica na linha de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (Recife, PE, Brasil); analista em formação pela Escola dos Fóruns do Campo Laciano de Natal; coordenadora de pesquisa e professora do Curso de graduação de Psicologia da Universidade Potiguar – UnP (Mossoró, RN, Brasil).

Av. Antônio Basílio, 3784, Aptº 1100 – Morro Branco

59056-500 Natal, RN, Brasil

e-mail: Kaveras@hotmail.com

#### **ZEFERINO ROCHA**

Mestre em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; doutor em Psicologia pela Universidade de Paris-X; professor responsável pela Linha de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise no Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco e membro fundador e honorífico do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

Rua Conselheiro Portela, 139/502 – Espinheiro

52020-030 Recife, PE, Brasil

e-mail: zephyrinus@globo.com